

A experiência do turismo cidadão na Feira Permanente da Ceilândia/DF

Daniela Carvalho Bezerra LEITE¹
Marutschka Martini MOESCH²

Resumo: Esse artigo trata das feiras do Distrito Federal como espaços de encontro com o outro, de convivência e como possibilidade de experiência para além da possibilidade de consumo. O objetivo é compreender as lógicas de encontros da capital federal, proporcionando o prazer do encontro para além dos conflitos permanentes, da cidade política. A pesquisa utilizou o método qualitativo de caráter exploratório/explicativo tendo como estudo de caso a Feira Permanente da Ceilândia/DF. A metodologia etnográfica permitiu obter conhecimento amplo e profundo dos símbolos que refletem o pensamento e as ações dos atores respondendo ao problema: se as feiras desempenham um papel para além das atividades comerciais. Tendo como quadro teórico a sociologia compreensiva de Bourdieu, as categorias operatórias de cultura híbrida de Canclini e turismo cidadão de Moesch, foi possível evidenciar que a feira possibilita para além de espaço de comércio um lugar de hospitalidade e, portanto, propenso a acolher o turista como espaço de prática cultural.

Palavras-chave: Feiras. Turismo Cidadão. Turismo de Experiência. Feira Permanente de Ceilândia/DF.

Contextualizando a Feira Permanente de Ceilândia/DF: as relações de uma cidade real

É fácil encontrar nas ruas de Brasília moradores provenientes de várias regiões do país, como nordestinos, mineiros, catarinenses e paulistas que vieram participar da construção de Brasília, ou não, e se estabeleceram na localidade. Isso faz dessa unidade federativa uma verdadeira representação da diversidade cultural brasileira.

A Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal estava ciente que com o início da construção muitos nordestinos, goianos e mineiros buscariam na nova Capital maiores e melhores chances de emprego e condição de vida gerando intenso fluxo de pessoas para a área.

Em 1959 Brasília já possuía cerca de 60.000 habitantes que inauguram a nova capital em 21 de abril de 1960. “Inicia-se uma nova fase. Termina a epopeia e começa o cotidiano” (SILVA, 1985, p. 217).

Os planos de que o DF se restringiria a 500 mil pessoas já davam indícios que não se cumpriram. Antes mesmo da inauguração de Brasília “favelados” foram removidos pela Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil - NOVACAP para as então chamadas cidades-satélites.

1 Mestranda em Turismo pelo Centro de Excelência em Turismo – CET da Universidade de Brasília. Professora da área de gastronomia do Instituto Federal de Brasília - IFB. daniela.leite@ifb.edu.br

2 Doutora em Relações Públicas, Propaganda em Turismo, da Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo. Coordenadora do Mestrado em Turismo – CET da Universidade de Brasília. marumoesch@gmail.com

Em 1970 quase 100 mil pessoas viviam, segundo Vasconcelos (1988), em condições sub-humanas no Plano Piloto. Eram famílias de todo o país que chegavam em busca de melhores condições de vida e acabavam por utilizar áreas públicas para construir suas moradias por falta de opção. Por serem distantes do Plano Piloto as cidades satélites não eram atraentes além de não estarem prontas para receber os que precisavam de moradia.

A explosão demográfica na recém criada Capital resultou na ocupação de áreas públicas no Plano Piloto. A principal foi a invasão IAPI localizada próxima a Cidade Livre. Segundo Vasconcelos (1988) eram 80 mil favelados, uma verdadeira cidade.

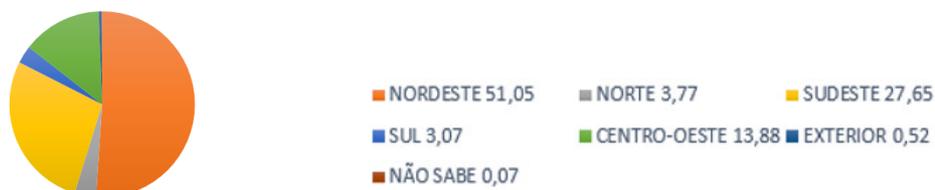
Desde 1969 a Campanha de Erradicação de Invasões - CEI trabalhava para retirar os invasores do Plano Piloto. “Era necessário manter o poder distante dos grandes centros, consolidando a cidade, agora como ilha de segurança” (CATALDO; RAMOS, 2010, p. 60). A proposta da Campanha era inovadora. Pretendia-se, segundo Vasconcelos (1988), não apenas construir habitações, mas oferecer equipamentos comunitários básicos.

Em 1971 acontece a remoção da invasão do IAPI para a Ceilândia.

A população estimada para o Distrito Federal pelo IBGE em 2014 foi de 2.852.372 ultrapassando em mais de cinco vezes o plano inicial. Atualmente o DF é dividido em trinta e uma Regiões Administrativas, segundo o Governo do Distrito Federal (2014), que são unidades de divisão territorial e administrativa para fins de descentralização administrativa e coordenação dos serviços públicos de natureza local.

Conforme o levantamento da Subsecretaria de Estatística e Informações (2011), 48,11% dos residentes do Distrito Federal são naturais do próprio DF. O gráfico 1 apresenta que do total de imigrantes a maior representação é da Região Nordeste com 51,05%, seguido pela Região Sudeste com 27,65% da população e 13,88% do Centro-Oeste. As Regiões Norte e Sul, somadas, representam 6,84%. Em relação aos estados a Pesquisa Distrital por Amostragem da SEPLAN (2011) revela que 17,56% dos imigrantes são de Minas Gerais, 13,43% de Goiás, 10% da Bahia, 10% do Piauí e 9% do Maranhão.

Gráfico 1: População imigrante do Distrito Federal por Naturalidade – 2011



Fonte: SUBSECRETARIA DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES - SEPLAN (2011).

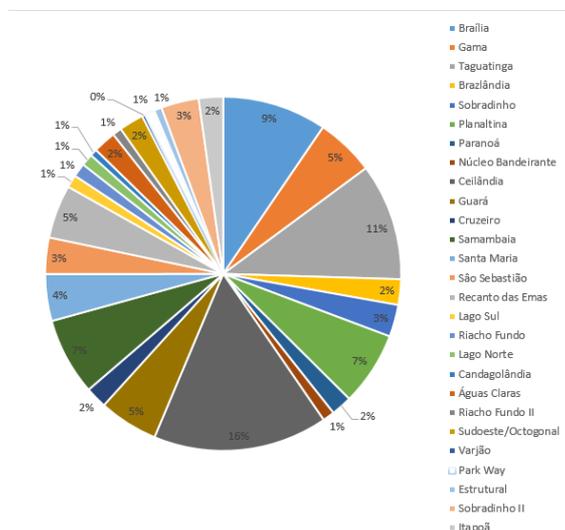
Ao longo do tempo o Distrito Federal agregou frações, memórias, técnicas, arte, regras entre outros de muitas, se não de todas, regiões do Brasil. Atualmente, o Distrito Federal é uma mancha urbana em acelerada e desigual expansão. 48% da população do DF nasceu no próprio distrito, no Plano Piloto e nas Regiões Administrativas, espécie de bairro com identidade própria. A renda mensal é de mais que o dobro da renda nacional, o desequilíbrio

na distribuição de renda também é mais alto que a média nacional (CATALDO; RAMOS, 2010).

Há grandes diferenças econômicas entre as Regiões Administrativas. Brasília, formada pelo Plano Piloto e pelo Parque Nacional, Lago Sul, Lago Norte, Sudoeste/Octogonal e Park Way possuem condições econômicas consideravelmente melhores que Planaltina, Riacho Fundo II, Santa Maria, Estrutural e Itapoã (COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL, 2013).

A representação econômica de Brasília não pode ser generalizada como realidade da totalidade da população do Distrito Federal. Cada Região Administrativa que compõe o Distrito Federal possui sua singularidade seja pela formação histórica, sócio econômica ou cultural. Possuem ano de fundação/ocupação, classe social e econômica, origens e modos de vida diferentes umas das outras. Prova de que não se pode tentar identificar o Distrito Federal pelo que ocorre em Brasília é a quantidade de habitantes de um e de outro. Brasília possui apenas 9% da população total do DF, perdendo em número de habitantes para Ceilândia (16%) e Taguatinga (11%), conforme o Gráfico 2: População Residente por Região Administrativa conforme gráfico 2.

Gráfico 2: População Residente por Região Administrativa



Fonte: COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL (2013)

Por problemas de adensamento populacional no Plano Piloto, Ceilândia foi criada para abrigar os candangos no início da década de 70. Com eles vieram para a nova cidade memórias, técnicas, arte, regras entre outros de regiões distintas do Brasil. Mais da metade da população da Ceilândia é natural do próprio Distrito Federal e mora na região administrativa há 15 anos ou mais. Dos que vieram de outros estados brasileiros, a maioria é do Piauí (7,2%), de Minas Gerais (6,9%) e de Goiás (6,1%) segundo dados Anuário do Distrito Federal (2012).

A feira Permanente da Ceilândia é ponto de encontro da comunidade local e possui em sua fachada o slogan “Feira Central de Ceilândia nasceu e cresceu junto com a cidade!”. A feira com 460 boxes dos mais diversos segmentos, vestuário, calçados, utilidades para o lar e alimentação, recebe cerca de dez mil visitantes por semana.

A feira Permanente da Ceilândia nasceu informalmente como aglomeração de barracas em 1971 a partir da iniciativa de moradores da cidade recém-criada. Em 1972 a feira foi legalizada e organizada em bancas. Em 1984 foi inaugurada oficialmente a primeira estrutura na Avenida Hélio Prates, que liga Taguatinga e Ceilândia.

A feira da Ceilândia, iniciou com cerca de cem bancas que comercializavam temperos, animais vivos e abatidos e comida típica do nordeste. Recebe destaque pela expressão cultural nordestina expressa pelos proprietários das bancas e nos transeuntes migrantes dessa região que vieram para a capital em busca de melhores condições de vida. A feira é tida como ponto de encontro e reencontro nordestino.

A feira está localizada em Ceilândia Centro, na Avenida Hélio Prates, CNM 2 Área Especial, próxima a Caixa d'Água que fica a 3,5 quilômetros a pé ou 18 minutos de ônibus do novo Centro Administrativo do Distrito Federal e a cerca de um quilometro do recém inaugurado JK Shopping. A Caixa d'Água foi erguida em 1973 no local onde foi fixada a pedra fundamental de Ceilândia, é monumento histórico e símbolo representativo de Ceilândia.

A feira é administrada pelo serviço de Feiras da RA IX e possui uma associação, a Associação dos Feirantes da Feira Central de Ceilândia (ASFEC). A Associação é presidida pelo senhor Francisco das Chagas Nogueira há 17 anos, o Sr. França, como é conhecido, feirante há 40 anos, seguindo uma tradição familiar.

Apesar das inúmeras ações de concorrentes a feira mantém seu espaço no cenário do comércio local se destacando como ponto tradicional. Seu primeiro grande concorrente foi a Feira dos Goianos, localizado na mesma avenida, porém já nos limites da RA Taguatinga. A Feira dos Goianos foi inaugurada em 1998 e se destaca pelo comércio de confecções. O segundo concorrente foi o Shopping Popular, inaugurado em 2006 como espaço que abrigaria o comércio ambulante, irregular, das ruas da Ceilândia. Está localizado há duas quadras da feira e possui uma estrutura com 837 boxes. O terceiro, o Shopping JK, está localizado na mesma avenida e foi inaugurado em 2013.

Em relação a concorrência, Sr. França declarou em entrevista ao Jornal Laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília em novembro de 2013: “Os shoppings e comércios têm que abrir, comércio legal não prejudica ninguém, é só saber conviver com ele. A gente que é de feira conquista o cliente. Durante a semana, passam por aqui de sete a oito mil pessoas e, no final de semana, são de dez a onze mil” (FIDELIS, 2013).

A feira Permanente da Ceilândia é um espaço diferenciado por estar em área pública onde todos que desejarem podem ir para se alimentar, comprar, passear. Do Governador ao mendigo, todos coabitam o mesmo espaço. A feira possibilita a congregação das pessoas, pois historicamente os códigos e regras de conduta da feira são informais, expressões de seus atores. Mais permissivos que outros espaços, na feira os apelidos são permitidos, o contato aproximado. Como se a rua virasse casa.

O objetivo desse ensaio é analisar a feira Permanente da Ceilândia como lugar de memória onde os espaços de encontro estabelecido pelas feiras permitem a convivência, a comensalidade e a lembrança de um passado não muito longínquo.

As questões que foram norteadoras da análise proposta tendo como objeto de investigação a feira Permanente da Ceilândia foram:

Seria a feira de Ceilândia um espaço de memória possibilitador do turismo cidadão?

Ao analisar a feira como lugar de memória, espaço de hospitalidade e comensalidade é possível reconstruir a experiência de estranhamento de sua própria cidade na busca do prazer?

Feiras do DF: realidades de uma sociedade

Espaços de comercialização de produtos e circulação de cultura, as feiras e mercados guardam traços culturais marcantes da cidade, desempenham papel de importância social e cultural tanto para visitantes como para feirantes. Segundo Pierre (2010) ao comparar as feiras aos super, ou hipermercados, conclui que nem todos os produtos podem ser obtidos em espaços de comércio estandarizados, diferentes das feiras onde há as relações de proximidade, afetividade e troca de saberes.

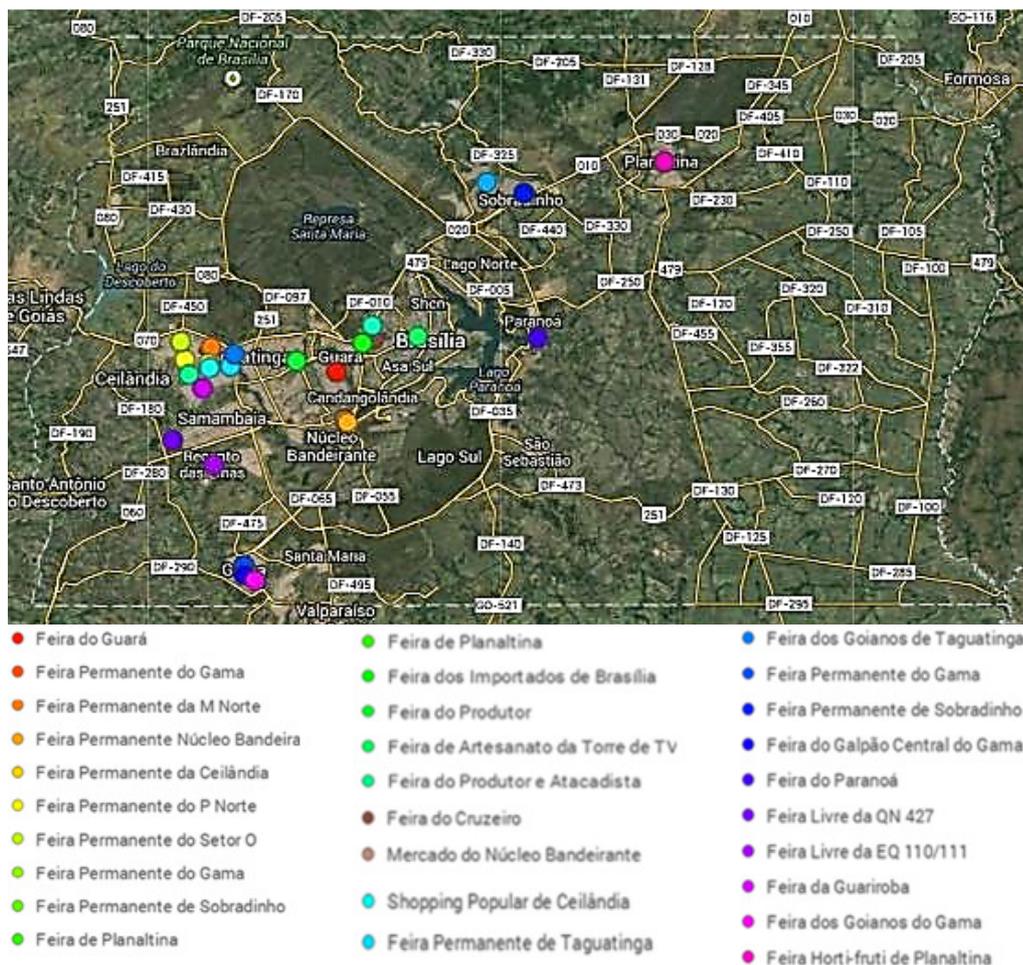
Admite-se para esse estudo o conceito de feiras e mercados como os pontos de encontro e de convivência caracterizados pela informalidade e intimidade respeitosa onde ocorrem comercialização de diversos tipos de produtos, como os hortifrutigranjeiros, cereais, grãos, laticínios, doces, pescados, alimentação, roupas e calçados, com valores simbólicos maiores do que de abastecimento ou consumo. Ainda, é o tipo de comércio varejista que mais se aproxima do consumidor. Feiras e mercados são locais que possibilitam a experiência do viver e conviver, de se reconhecer na prática do viver.

A lei 235-92 publicado na DODF de 17/01/92 que regulamenta as feiras-livres e permanentes no DF considera que feira livre e permanente comercializam produtos hortifrutigranjeiros, cereais, produtos de artesanato, pescados, aves, flores, plantas, doces, laticínios, carne de sol, lanches e confecções.

Vasconcelos (1988) relata a presença das feiras nas cidades satélites desde seus primórdios como local de comercialização, principalmente, de produtos alimentares.

Segundo o Governo do Distrito Federal (2011) Brasília possui cerca de 70 feiras livres e permanente. As principais feiras do DF estão indicadas no Croqui 1.

Croqui 1: Principais Feiras do DF



Fonte: Mapa elaborado pela pesquisadora.

Para organizar e regularizar as Feiras Livres e Permanentes o Distrito Federal sancionou entre 1992 e 2014 cerca de sessenta Leis. A lei 4748/2012 trata da regularização, organização e funcionamento das feiras livres e permanentes no Distrito Federal, e ainda, especifica a organização e o tratamento de cada tipo de feira no Distrito Federal.

A lei 4748/2012 conceitua feira livre e feira permanente. A feira livre é uma atividade mercantil, de caráter cíclico, realizada em área pública previamente autorizada para esse fim, com instalações provisórias e removíveis, enquanto feira permanente é uma atividade mercantil, de caráter constante realizada em área pública destinada para esse fim com instalações fixas e edificadas. A referida lei equipara os *shoppings populares* e as feiras de abastecimento e de produtos rurais às feiras permanentes.

Historicamente feiras tenderiam a ser um processo dinâmico, itinerante, com atividade de montagem e desmontagem das barracas e relação de proximidade da feira com o local de moradia do consumidor, entretanto as feiras permanentes do DF alteram essa lógica sendo na verdade reproduções dos mercados encontrados em outras regiões do país e do exterior.

A Feira do Produtor e Atacadista, em Ceilândia, possui 338 boxes com aproximadamente 10 mil metros quadrados de área, com funcionamento diário recebe cerca de três mil pessoas diariamente. O comércio maior se refere a frutas, verduras e legumes no atacado e varejo. (EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO DISTRITO FEDERAL, 2014).

Criada em 1998, a Feira dos Goianos, localizada na QI 13, na Avenida Hélio Prates, em Taguatinga Norte, funciona de terça-feira a domingo. Apresenta reduzida quantidade de comércio alimentício, uma vez que seu foco é o comércio de vestuário e calçado de confecções localizadas em Goiânia-GO. Contudo, há a presença do comércio ambulante de caldo de cana e pastel e alguns poucos espaços destinados a restaurantes e lanchonetes que servem comida a quilo, salgados em geral, tapioca, cuscuz, açaí, churros.

Desde 1969 a Feira do Guará, é uma tradicional feira de moda, alimentos e produtos em geral. Com funcionamento atual de quinta-feira a domingo, possui restaurantes que servem de feijoada a peixada. Barracas com tapioca, queijos, grãos, peixaria e pastelaria são atrativos da feira. Assim como na feira dos goianos, a maioria de seus seiscentos boxes são destinados às confecções.

O tradicional Mercado do Núcleo Bandeirante, com três décadas de funcionamento, possui cerca de duzentos boxes que trabalham com grandes redes de varejo. São comercializados principalmente roupas, comidas e bebidas, serviços de cabeleireiros e conserto de aparelhos eletrônicos. A Feira Permanente do Núcleo Bandeirante funciona diariamente e é uma das mais tradicionais feiras do Distrito Federal. Em seus cento e oito boxes é possível encontrar um pouco de tudo, especialmente comidas típicas mineiras e nordestinas como rabada, carne de cabrito, sarapatel, buchada de bode, mocotó e churrasco misto, além de hortifrúti e ervas frescas, fumo de rolo, queijos tipo minas, doces caseiros, pamonhas, farinhas e grãos. Os frequentadores também podem escolher aves vivas de algumas espécies, como galinhas, patos e perus, para que sejam abatidas na hora.

Os primeiros moradores da atual Região Administrativa XI Cruzeiro foram os que vieram trabalhar na época da construção de Brasília, funcionários públicos e militares vindos do Rio de Janeiro em 1955. Atualmente a comunidade se reúne tradicionalmente na Feira Permanente do Cruzeiro, criada em 1970 para atender as necessidades dos moradores. Durante muito tempo as bancas eram de madeira e o chão batido, hoje a estrutura é metálica e possui oitenta boxes com frutas, verduras, queijos, peixes, carnes, embutidos, farináceos, roupas, descartáveis, calçados, restaurantes e lanchonetes (SILVA, 2011).

Fundada em 1971 a RA IX Ceilândia atualmente é a região de maior densidade urbana, segundo Anuário do Distrito Federal (2012). Ainda, possui o maior número de comerciantes e verifica-se grande quantidade de feiras na região das quais se destaca a Feira Permanente da Ceilândia, também conhecida como Feira Central, inaugurada em 1984. A Feira da Ceilândia possui quatrocentos e sessenta boxes dos mais diversos segmentos, como vestuário, calçados, utilidades para o lar, doces, queijos, ervas, temperos, aves vivas, peixes, carnes, frutas, verduras e restaurantes com: baião de dois, mocotó, buchada, galinha cozida,

dobradinha, carne de sol, rabada, sarapatel, feijão tropeiro e galinha caipira. Recebe cerca de dez mil visitantes por semana com funcionamento de quarta-feira ao domingo.

Além das tradicionais feiras o DF inaugura em 1986 a primeira feira de alimentos sem agrotóxicos do DF. Chegou timidamente com a reunião de cerca de dez produtores, porém hoje existem dezenove feiras dedicadas ao comércio de produtos sem defensivos químicos espalhadas pelo Plano Piloto. “O DF também se tornou a unidade da federação com maior número de feiras por habitante. Espalhadas por toda a cidade, garante uma oferta de itens quase diário” (BECKER; LOBÃO, 2014, p. 25). O que motiva os brasilienses a buscarem cada vez mais produtos sem defensivos químicos são o perceptível sabor diferenciado dos insumos, o teor mais elevado de vitaminas e minerais, a diminuição dos impactos ambientais e, a exemplo do que acontece nos Estados Unidos e Europa desde a crise de 2008, o fomento de emprego e renda das áreas mais próximas.

A Feira Permanente da Ceilândia como experiência do turismo cidadão

O turismo envolve o processo de estranhamento que pressupõe o deslocamento subjetivo, em tempo e espaço, diferentes do cotidiano. Nesse contexto o estranhamento não tem ligações com a distância percorrida, e sim com a vivência de uma experiência.

Para haver um turismo des-estereotipado (não de massa), o indivíduo deve estar receptivo ao estranhamento e a diversidade cultural, podendo ser um instrumento na construção da cidadania através das práticas de reconhecimento do seu lugar - a cidade - como construção histórica social a qual faz parte, turista cidadão.

Na experiência de possibilitar o estranhamento através do distanciamento da cidade como espaço cotidiano para assim alcançar a cidade sob outros olhares o Plano de Ação de 1999 de Porto Alegre propunha que o cidadão turista não apenas se apropriaria dos fixos, como também se integraria aos fluxos avançando assim para o conceito de turismo cidadão. Marutschka Moesch gestora da proposta explica o conceito:

Turista cidadão é aquele que resgata a cultura da sua cidade, fazendo uso do estranhamento da mesma. Este estranhamento inicia no momento em que o indivíduo descobre, no espaço cotidiano, outras culturas, outras formas étnicas e outras formas de lazer e entretenimento. Quando se encontra na condição de turista cidadão, este sujeito aprende a utilizar os espaços ambientais, culturais, históricos, comerciais e de entretenimento como uma percepção diferenciada do seu cotidiano. (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 65)

Para atrair o turista é preciso primeiro atrair a própria população. Colocar as pessoas que fazem parte dos fluxos da cidade em movimento, deslocando-se da sua rotina, transformando-as em visitantes de sua própria cidade.

Turismo cidadão é para além da atividade turística uma expressão cidadã, uma forma de conhecer e compreender a cidade.

Assim turismo cidadão é um fenômeno onde o habitante sensibilizado desenvolve um relacionamento diferente com o local onde mora no seu tempo de lazer, que exposto ao

estranhamento, utilizando-se dos fixos e fluxos da cidade com percepções diferentes da cotidiana e apropriando-se da cidade por meio da experiência vivida.

“Cada vez mais, a cidade será o resultado da rede de processos simbólicos, de comportamentos e culturas, que acontecem no seu interior” (GASTAL; MOESCH, 2007, P. 21). A partir desta concepção a cidade seria então um território de exercício da diversidade. A cidade ainda, deve ser vista ou vivida como um espaço de circulação de culturas, pessoas, ideias, ideologias, signos e significados onde ora um se sobrepõe ao outro com mistura de estruturas que combinadas formam uma nova estrutura. Esse processo sociocultural é chamado de hibridismo cultural usado para descrever processos inter étnicos e de descolonização; globalizadores; viagens e cruzamentos de fronteiras; fusões artísticas, literárias e comunicacionais; gastronomias de diferentes origens na comida de um país; associação de instituições públicas e corporações privadas; museografia ocidental e tradições periféricas nas exposições universais.

A partir de Canclini (2013) e Hall (2011) o conceito de cultura híbrida é utilizado a fim de que a cultura não seja tratada como estática nem entendida como pura e autêntica, mas sim como um processo sociocultural onde há uma mistura de estruturas que combinadas formam uma nova estrutura e o hibridismo não é tratado como um termo migratório da biologia para as ciências sociais, mas como um termo que represente o momento desafiador que a humanidade está tentando viver.

Para alterar a condição de que brasileiros, e alguns brasilienses, não conhecem sua capital, as feiras enquanto espaço de sociabilização e convivência, são possibilidades de vivenciar cada uma das trinta e uma Regiões Administrativas do DF.

Luis Carlos da Silva, brasiliense filho de cearenses, residente da RA Águas Claras é um adepto de feiras. Frequenta a feira da Ceilândia há mais de 15 anos e diz: “Feiras são diferentes de outros lugares. Feira é vida. Na feira as pessoas estão”.

Essa experiência de participar das tramas da feira é admitir que as feiras são possibilidade de vivenciar o turismo cidadão, pois possibilita ao sujeito provar a cidade de modo não habitual, não de cartão postal, não de fixos. O espaço da feira proporciona a possibilidade de experimentar a realidade da localidade, vivenciando o cotidiano das Regiões Administrativas ali representadas, pelas práticas do viver daqueles espaços, descobrindo um Distrito Federal para além da Esplanada dos Ministérios, centro do poder nacional.

A experiência propicia ao indivíduo criar a imagem do mundo ao seu modo, formando o modo de interação e relacionamentos com os outros e com si mesmo. Segundo Trigo (2010) a experiência é essencial à socialização e a satisfação pessoal e possui diferentes graus de intensidade, duração e hierarquização da filosofia de valores principalmente morais. O turismo como experiência sugere que a experiência quebre a rotina possibilitando descobrir a si mesmo na escolha dos caminhos que complementam a existência como seres humanos.

Para vivenciar e compartilhar a vida, a hospitalidade, que é um modo particular de proporcionar ao visitante o sentimento de bem estar, deve se fazer presente. As atitudes e comportamentos de hospitalidade segundo Boff (2005) são: a boa vontade incondicional,

acolher generosamente, escutar atentamente, dialogar francamente, negociar honestamente, renunciar desinteressadamente, responsabiliza-se conscientemente, relativizar corajosamente, transfigurar inteligentemente.

O conceito de hospitalidade é uma construção onde tenta-se igualar o hóspede, que chega, ao hospedeiro, dono do espaço urbano ou doméstico (GRASSI, 2011). Grassi (2011) acrescenta que adentrar a soleira e conquistar a mesa é vivenciar a hospitalidade através da igualdade das categorias de poder onde “dono” e “visita” estão sob o mesmo teto e podem sentar-se à mesa para compartilham o alimento e a bebida.

O que se testemunha na forma de comercialização dos produtos pelos vendedores das barracas da feira Permanente da Ceilândia é a forma diferenciada da comunicação tátil.

“Fala freguesa!

Está procurando o que hoje amiga!

Hoje você tem que comer aqui!

Vamos almoçar amiga? ”

Para praticar a hospitalidade é preciso abrir-se e abandonar os preconceitos e medos do desconhecido acolhendo o visitante nas esferas materiais e espirituais (abrigo, comida, bebida, cooperação, solidariedade, afetividade). Adentrar a cidade ou a casa, ser aceito e integrar-se à vivências particulares só é superado pela comensalidade, enquanto ato de hospitalidade.

Montanari (2008) traz a semântica da palavra convívio para argumentar o quanto o viver junto se relaciona com o comer junto (cum-vivere). “Em todos os níveis sociais, a participação na mesa comum é o primeiro sinal de pertencimento ao grupo” (MONTANARI, 2008, p. 159).

Acolher, encontrar e conviver com o outro, diferente de si, resulta em espaços, culturais representativos da diversidade e para sobreviver, viver e conviver com esses locais é fundamental conhece-los.

Vivenciar semelhanças e diferenças são umas das razões que leva o sujeito a praticar o turismo cidadão. Se, cada bairro da cidade é um espaço de identidade e identificação, então é possível experienciar o turismo sem sair do seu território. “Turismo seria menos o percurso no espaço, para tornar-se um percurso por tempos-espacos, em especial culturais, diferentes daqueles a que se esteja habituado, com ênfase nas vivências e experiências (GASTAL; MOESCH, 2007, P. 37).

Uma parcela das experiências de lazer, da fruição do tempo, do descanso e do anti-cotidiano acontece em lugares distintos da cidade de moradia do sujeito. Porém, o distanciamento da rotina e a aproximação do estranhamento podem ocorrer dentro da própria cidade, ao reorientar o olhar sobre os espaços da rotina. Nesse contexto pode-se ter uma experiência turística tanto na cidade de moradia quanto fora dela, basta, para isso que o turista direcione seus olhares para os aspectos que são diferentes dos da vida comum.

O turista que resgata a cultura de sua cidade, aprofundando os laços com ela passa a ser então o turista cidadão definido Moesch (2004). Assim, o turista cidadão passa então a ser o sujeito que ao se expor ao estranhamento, distancia-se intencionalmente da rotina,

movimentando-se e interagindo com sua cidade na produção de experiências significativas, reorientando seu olhar e desenvolvendo um relacionamento diferente com o local onde mora no seu tempo de lazer através da utilização de fixos e fluxos com percepções diferentes da cotidiana. É ir à feira, ao parque, ao monumento. É caminhar pelo bairro. É ter uma vida mais sustentável. Por fim, sem a intenção de concluir, é apoderar-se da cidade por lazer nas horas de lazer por meio da experiência vivida.

Cíntia Fernandes, mineira de João Pinheiro, chegou ao DF em 1997 e sempre morou na Samambaia. Há oito anos frequenta a feira Central da Ceilândia e pelo menos três vezes por ano leva os parentes que vêm visita-la para fazer turismo e almoçar na feira. Relatou que leva os parentes para almoçar na feira por que cada um pode escolher o que quiser, rabada, sarapatel, buchada, galinhada e por ser um local informal, não engessado onde sente-se à vontade com a família.

Na manhã do dia 29 de março de 2015 o governador do Distrito Federal Rodrigo Rollemberg e sua esposa Márcia almoçaram na banca Kome in Pé na feira Permanente da Ceilândia. Sentaram-se nos bancos e comeram frango caipira, rabada, buchada e dobradinha. Naldo, feirante da banca, disse que a presença deles nas bancas de comida nordestina é comum. Governador e primeira-dama foram até a feira pelo prazer de comer uma comida autêntica, segundo eles. Rodrigo, que concedeu entrevista a pesquisadora na condição de cidadão e não governador confidenciou que gosta de buchada e que a feira o remete às lembranças de sua terra de origem, Piauí. Relatou ainda que gosta de feiras por serem espaços informais, sem censuras e tradicionais que imprimem imagem distinta do Distrito federal. E acrescentou: “Brasília é mais que a Esplanada dos Ministérios. Brasília é todo o Distrito Federal. Precisamos ver e mostrar o outro lado, a diversidade, o conjunto de manifestações culturais que muitos dos próprios brasilienses não conhecem. Precisamos fortalecer as feiras”.

No contexto atual, com tamanha exclusão onde os semelhantes são beneficiados e os diferentes marginalizados, pensar e praticar a hospitalidade, a convivência e a comensalidade exige o entendimento de que suas estruturas são complexas. Essa complexidade por si só motiva o saber/fazer de maneira transversal, atingindo todas as camadas do processo relacional da sociedade.

Trilha metodológica

O caminho metodológico trilhado foi uma pesquisa qualitativa de nível exploratório e explicativa. O estudo de caso é o método de investigação, onde a Feira Permanente da Ceilândia/DF foi eleita entre as demais feiras do Distrito Federal por ser o fragmento de uma totalidade representativa. Esta escolha deveu-se ao fato da Região Administrativa Ceilândia ter a maior densidade urbana somado a um histórico de exclusão/tentativa de isolamento desde sua fundação.

Foi realizada revisão bibliográfica sobre a cidade e sobre suas feiras. Um estudo etnográfico foi realizado na Feira Permanente da Ceilândia para compreender as relações que ali ocorrem.

A proposta do relato etnográfico não foi a de interpretar dados coletados, uma vez que apenas os nativos à fariam de maneira pertinente, mas sim de esclarecer o que ali ocorre, de conservar para estudo, de registrar o significado do acontecimento comunicado, mesmo que não seja o escrito o ato puro. A etnografia conduziu a procura de fontes múltiplas de dados e evidências para obter diferentes pontos de vista sobre o objeto pesquisado possibilitando compreender de forma ampla as relações que se dão naquele espaço. Feirantes das bancas de alimentação tradicional e frequentadores dessas bancas foram os atores eleitos para serem entrevistados a fim de obter conhecimento amplo e profundo dos símbolos que refletem o pensamento e as ações dos atores. Apenas um feirante recusou-se a participar. No mínimo, três clientes de cada banca de alimentação tradicional nordestina foram entrevistados.

Nessa trilha o substrato da teoria de Bourdieu (2011, p. 7) apresenta a necessidade de saber descobrir o que “está em toda parte e em parte alguma” onde o poder simbólico, invisível, ao contrário de ser opressor e coercitivo é propriedade de um grupo e existe apenas quando o grupo o legitima, agindo em conjunto.

Análise e Discussão dos Resultados

A pesquisa atendeu seu objetivo de compreender a lógica do encontro para além dos conflitos permanentes na cidade política, capital federal.

A metodologia utilizada na pesquisa alcançou a intenção de analisar a feira como espaço de memória possibilitador do turismo cidadão e como espaço de hospitalidade e comensalidade possíveis de reconstruir o estranhamento do indivíduo em sua própria cidade.

Nesse sentido a feira Permanente da Ceilândia apresentou-se nessa análise como espaço de encontro com o outro, de convivência e como possibilidade de experiência para além da possibilidade de consumo. A forma de experimentar o espaço, partilhar a vida e coexistir junto com o outro na feira Permanente da Ceilândia como um local que não está presente na rotina do cidadão leva o sujeito a deslocar-se de sua vida cotidiana e experimentar o estranhamento em sua própria cidade, tornando-se um turista cidadão. Podendo ser uma forma de predispor a população a interagir, conhecendo e compreendendo a cidade de forma amplificada com suas teias de signos e significados.

Sendo as feiras uma representação popular cômica, pública e tradicional, espaço que favorece o contato com a vida utópica, universal, libertadora, igualitária e abundante (Bakhtin, 1993), o espaço ocupado pelas feiras que reúnam significado possibilita a experiência de conhecer a Brasília real, não institucional.

Os rituais de hospitalidade nas diferentes formas de atendimento aos visitantes da feira foram analisados pelas falas dos atores, feirantes e frequentadores, através das questões a respeito da inclusão de um prato de origem regional no cardápio das bancas sendo uma feira no DF e sobre a efetiva forma de atendimento. Sobre a forma de atendimento feirantes e frequentadores denunciam o modo informal, pessoal e divertido como características representativas do processo do bem receber. A escolha do cardápio se

baseia em dois fatores: a) a comida da feira deve ser, historicamente, típica do nordeste; b) os pratos são demandados pela clientela. Os fatores informam o empenho dos feirantes em agradar o paladar do cliente e em manter a tradição nordestina na comensalidade da feira.

O papel da feira como lugar de memória que possibilita o turismo cidadão foi analisado pelos processos de hospitalidade, comensalidade e convivência possibilitados pela feira com a inserção da pesquisadora no dia-a-dia da feira, aonde a etnografia conduziu a procura de fontes múltiplas de dados e evidências para obter diferentes pontos de vista sobre o objeto pesquisado possibilitando compreender de forma ampla as relações que se dão naquele espaço. Para Geertz (1978) em estudos etnográficos os dados são construção do autor, ou seja, reconstrução das construções de outras pessoas sendo apenas a ponta do iceberg.

A investigação no campo da etnografia possibilitou perceber as feiras para além da objetividade comercial. De espaços de comércio para lugares de hospitalidade e, portanto, propensas a acolher o turista, como permitir ao cidadão do distrito federal vivenciar a prática de turista cidadão em um espaço de encontro, um lugar de memória.

Referências

ANUÁRIO DO DISTRITO FEDERAL. **Ceilândia é reduto da nova classe média**. Disponível em: <<http://www.anuariodof.com.br/2012/regioes-administrativas/ra-ix-ceilandia/>>. Acesso em: 02 jan. 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1993.

BECHER, Clara; LOBÃO, Guilherme. **Distrito Natureba**. Revista Veja Brasília, ano 2, N° 15, 9 de abril, 2014.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível, vol I**: hospitalidade: direitos e deveres de todos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas**. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2013.

CATALDO, Beth; RAMOS, Graça (org.). **Brasília aos 50 anos**: que cidade é essa? Brasília: Tema Editora, 2010.

COMPANHIA DE PLANEJAMENTO DO DISTRITO FEDERAL. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**: Ceilândia – PDAD 2013. Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas%20Socioecon%3%B4micas/PDAD/2013/Ceil%3%A2ndia-PDAD%202013.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2014.

EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO DISTRITO FEDERAL. **Governador entrega obras na Feira do Produtor de Ceilândia**. Disponível em: <http://www.emater.df.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1002:governador-entrega-obras-na-feira-do-produtor-de-ceilandia&catid=47:noticias&Itemid=125>. Acesso em: 14 jul. 2014.

FIDELIS, Beatriz. **Feira se consolidou como parte da cultura local**. Faculdade de Comunicação. Universidade de Brasília. 28 nov 2013. Disponível em: <<http://campus.fac.unb.br/arquivo/cidade/item/3220-feira-central-da-ceil%3%A2ndia>>. Acesso em: 16 out 2014.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka. Turismo, políticas públicas e turismo. São Paulo: Aleph, 2007. (Coleção ABC do Turismo).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Feiras**: CLDF aprova regulamentação. Dezembro, 2011. Disponível em: <http://www.df.gov.br/noticias/item/1110-feiras-cldf-aprova-regulamenta%C3%A7%C3%A3o.html>. Acesso em: 12 mai. 2014.

GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL. **Brasília capital dos brasileiros. Patrimônio da humanidade**: Disponível em: http://www.brasiliapatrimoniadahumanidade.df.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7&Itemid=9. Acesso em: 09 jan. 2014.

GRASSI, Marie-Clarie. **Hospitalidade**: transpor a soleira. In.: MONTANDON, Alain [Org.] O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Editora SENAC, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MOESCH, Marutschka Martini. **Epistemologia Social do Turismo**. In.: Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo. Programa de pós-Graduação em Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicação e Arte. São Paulo: 2004.

MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

PIERRE, M. C. Q. M. **Um recorte em territórios artificializados**: agricultura familiar e comercialização na feira dos goianos – Gama/DF. In.: Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília - Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Brasília, 2010.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília**: um sonho, uma esperança, uma realidade. 2ª ed. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.

SUBSECRETARIA DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES – SEPLAN. **Pesquisa distrital por amostragem de domicílio – Distrito Federal - 2011**. Brasília, 2011.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A viagem como experiência significativa**. In.: PANOSSO NETO, Alexandre; GAETA, Cecília. Turismo de experiência. São Paulo: SENAC, 2010.

VASCONCELOS, Adirson. **As Cidades Satélites de Brasília**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.